

14 VERSOS

Sonetos de
**WILLIAM
MENDONÇA**



14 VERSOS

de William Mendonça

Sonetos escritos entre 1985 e 2010
Publicados nos blogs e site do autor.

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)
14 versos
Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques
70 p.; 12 x12 cm
1 - Poesia, Soneto

Publicado no site do autor em 21/01/2012
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br

14 VERSOS

ÍNDICE

5 - Sobre o livro

7 - Pele e miragem

26 - Almost english

47 - Canção e névoa

60 - Concerto para o apocalipse

67 - Sobre o autor

SOBRE O LIVRO

14 VERSOS

14 VERSOS é uma coletânea de sonetos absolutamente emocional - feita pelo autor com base no carinho que sente por cada soneto, não pelo apuro técnico ou atualidade. Aqui estão sonetos imperfeitos da primeira hora, decassílabos de gaita galega, sonetos à moda inglesa, sonetos experimentais ...

Abrange longos 25 anos de produção - desde os sonetos de “Concerto para o apocalipse”, compostos em abril de 1985, quando o autor tinha 16 anos de idade, até “Cicatriz”, de outubro de 2010, um poema da maturidade. Portanto, **14 VERSOS** tem como marcas a diversidade e a irregularidade.

O aprimoramento técnico, ao longo dos anos, e, por conseguinte, das páginas de **14 VERSOS**, é visível - enquanto o fio temático e uma preocupação em experimentar novas soluções na forma fixa do soneto fazem com que William Mendonça e sua poesia estejam bem retratados nesses 55 sonetos.



Vamos falar de mestres:

*quando comecei a escrever sonetos,
Olavo Bilac era o meu mestre e maior influência;*

*mais à frente, o encontro com
Augusto dos Anjos
levou minha poesia por outros caminhos;*

*viajei também com os “sonnets” de
William Shakespeare,
e com as “fleurs du mal” de
Charles Baudelaire;*

*encontrei a voz definitiva depois de encontrar
Jorge de Lima e sua “Invenção de Orfeu” e
Pablo Neruda, com seus “100 sonetos de amor”;*

*Sei que, de fato, sinto-me à vontade
quando escrevo um soneto,
porque é uma terra que cultivei ao longo da vida
e hoje conheço muito melhor do que ontem.*

*Devo isso aos mestres - e a eles dedico esta
cápsula do tempo.*

1 - *Pele e miragem*

Sonetos rimados que experimentam várias formas do decassílabo. Alguns são de 1985 a 1987, quando compus cerca de 300 sonetos, mas a maioria foi escrita nas duas décadas seguintes.

OPOSTOS

Eu, no ponto mais nórdico do sonho,
congelado num sórdido encanto.
Tu, rumo à terra sul, rumo ao pranto
- teu olhar renegado e tristonho.

Eu, no solo mais pobre, frio de espanto,
semeando os barbarismos que componho.
Tu, rumo ao espaço, outro canto
afinado nos sons de que disponho.

Eu, no lado mais negro do teu mundo
corroendo os ventos, pronto a me destruir.
Tu, rumo à outra noite, outra porta ...

Eu, no espelho mais falso, me confundo
sorvendo teu sagrado elixir.
Tu, rumo à morte, quanto a luz me corta.

SINONÍMIA

*Dos meus vários sentidos, deverias
saber os mais malditos, mais imundos ...*

- Terra, na astrologia, horas e dias
- Paz, nos sonhos de nunca, os mais fecundos

- Força, quando destruo hipocrisias
- Medo, quando me escondo nos submundos
- Sangue, quando me escorro nas poesias
- Carne, quando possuo cortes profundos

- Boca, por tanto grito encarcerado
- Nota, por tanta música nascente
- Luta, por tantas frágeis utopias.

- Povo, sempre que sou desrespeitado
- Poeta, sempre que falo pra essa gente
- Fim (já sabes mais que deverias ...)

CANTO TÍMIDO

Ela canta baixinho, sussurrante ...
Talvez me lembre o vento, a primavera,
talvez me lembre um sol que à noite impera,
a vida, o sonho, o som de um ledor instante.

Ela canta baixinho, amenizante ...
E chora pelos cantos a quimera,
e chora no meu ombro, que aqui espera
calado e receptivo o seu semblante.

Ela canta baixinho e a alma grita
dos recantos aos cantos, aos ouvidos
aos versos da saudade mais bonita.

Ela canta baixinho, na constante
busca de vida, em olhos tão proibidos
- Então, menina, cante, cante, cante!

DUPLO

*Parte deste soneto se desfaz
em viagens por finitos descaminhos,
becos extensos ... terra ... Para trás
ficam tantas pegadas, tantos ninhos,*

*que nem sei, hoje, quanto tempo faz,
quantas histórias li, nos pergaminhos
intrincados que o solo deixa em paz;
pedaços meus que deixo aqui, sozinhos ...*

*Parte deste soneto é dor de parto,
outra é despedida de quem amo;
parte é pranto, outra riso leve e farto.*

*Parte de mim é o verso, o lado avesso,
outra é simples paixão, como me chamo,
- Enquanto uma se acaba, outra é começo ...*

NARCISO

Escrevendo à luz vaga de uma vela
sinto tocar-me a mesma e fria brisa
que a chama agita e sombras na janela
cria, como um balé que a alma realiza.

Por um momento, vejo-me na cela
vazia de meu próprio ego - a lisa
face de meu desejo se revela,
sou eu mesmo quem surge e me entroniza.

Noutro momento, toco a cristalina
face de um lago infindo, acaricio
meu rosto, refletido, sem pudores ...

Quando volto a mim, luto - mas termina
o transe - a chama presa ao pavio,
eu preso a mim, atado em meus temores.

ÍNTIMA CANÇÃO

*Sonhos de cantador domam a viola
e fazem do universo canção aberta
de rima fácil, música que, incerta,
vagueia por estrelas, canta e sola.*

*Se há caminhos que o tempo desenrola
como estranho novelo, o que desperta
a alma é o destino, breve adeus que flerta
com o início - riqueza feita esmola.*

*Sonhos de cantador tomam a mão
do futuro - flutua a melodia
mais rubra, como a chama da paixão.*

*Se há destinos que o tempo modifica,
tal canções que desfazem a harmonia,
a alma é caminho - vaga luz que fica.*

BRILHO

No caminho, assobio e sinto a Lua,
mas isto não me basta - não é quem quero,
com sua luz tomada ao Sol. Espero
mais, muito mais que a vaga sombra nua

que faço pelo chão, que assim flutua
entre pedras, pegadas que me esmero
em fazer com firmeza por um mero
orgulho. Busco a luz vasta, tua

lua mais viva e presente, que me beija
à noite e acaricia, vem pequenina
e faz-me um mundo enorme, que me enseja

delírios, cria imagens da mais fina
inspiração, que o poema ama e deseja
- Enxergar tua luz me basta, Nina!

DOM

Feito luz no crepúsculo, clareia
as últimas lembranças que perdi
e me faz voltar sempre por aqui,
juntando meus pedaços pela areia.

Feito vento sem rumo, que semeia
a esmo toda a magia que esqueci,
encontra meus delírios, faz de ti
a força que faltava em minhas veias.

Porque a vida tem sido tão incerta,
meus dias têm passado inutilmente
procurando algo novo, que desperta.

Porque as noites têm sido muito escuras,
feito pássaro eterno, vai na frente
e mostra o dom do vôo a quem procura!

SONETO IMPRECISO

Não preciso da volta e da revolta,
do medo e do segredo, dos amores,
do passo em descompasso, que me solta
e me prende, não entende minhas dores.

Não preciso do frágil mar de flores,
da insegurança antiga ou da escolta,
do destino, do hino, dos louvores,
do encanto, da saudade que me volta ...

Não preciso do mundo cansativo,
do ser, do ter, do ver, do estar vivo,
do Sol, do céu, da paz, de amar tanto.

Não preciso do tudo, nem do nada,
da palavra, da tua alma fechada.
- Só preciso dar fim a este meu pranto ...

DO DESTINO

*Desfaz o meu destino, descortina
o desatino de viver sem medo,
porque sou um turbilhão, vago segredo
escondido numa alma cristalina.*

*Desfaz o meu caminho e predestina
a volta ao ponto de partida - cedo
demais para que eu morra no degredo,
tarde demais para mudar-me a sina.*

*É só o poema que vivo, e feito poeta
já conheço estes versos maltratados,
que só dizem de mim, e quase nada ...*

*Então vem, desfaz tudo o que me completa,
nos pedaços que deixo abandonados,
porque não tenho rumo - só a estrada ...*

CREPÚSCULO DE UM SONHO

E diz a lápide *escura* - “Aqui jaz
um sonho *esmo*, *paradoxal*, *vazio*,
um sonho *frágil* num mundo *bravio*,
um sonho *sofrido* em busca de paz.

E chora o túmulo em que a morte traz
um sonho *lutador*, porém *tardio*,
um sonho *equilibrista* em fino fio,
um sonho *corpo*, que em alma se faz ...

E canta o vento, num triste tom, para
um sonho *erguido* em alegria e pranto,
um sonho no tempo, que agora pára ...

E dançam as brancas nuvens, enquanto
um sonho se vai nesta hora tão rara
- um sonho *solitário*, que amou tanto!

O DIA DA CAÇA

Generais discutem no alto comando
estratégias para uma nova guerra.
Enquanto isso nós, donos desta terra,
não somos ouvidos - sempre esperando ...

Para eles, somos seu poder de mando,
pois, assim como o avestruz sempre enterra
a cabeça, e seus problemas encerra,
deixamos que sigam nos enganando.

Não, eu não prego uma revolução!
Quero mudanças, consciência, nação
que proteja os filhos contra a maldade.

Pois saiba que eles, sim, são como lobos.
Se somos presas, não sejamos bobos
- Virá o dia da caça, e da Verdade!

GRAFITE

*Detalhes do futuro se amontoando
nos cantos da memória inviolável
- voláteis sonhos, rimas que vêm quando
o tempo é meu limite inexplorável.*

*Um futuro veloz, recomeçando
nas fronteiras da mente intolerável
- etéreos rostos, sóis comunicando
o que parece um poema interminável.*

*Detalhes, como poças de memória
perdidas em estantes nunca vistas,
em fatos não nascidos pela história ...*

*Detalhes, como parte do futuro,
velho sol que jamais me deixa pistas.
- Restarão, do que fui, os versos num muro ...*

CASO CONTRÁRIO

*Nosso caso contrário vem reverso,
mudado, estranho, louco e sem igual.
Espelhando as imagens do universo
de nossas vidas, mágica visceral.*

*Nosso caso contrário nasce inverso,
fadado ao complemento, bem e mal.
Resgatando as miragens, verso a verso,
de nossos sonhos, lógica espiral.*

*Nosso caso contrário quebra a taça
dos desejos contidos, do lirismo
camuflado nas folhas de um romance.*

*Nosso amor veio para que eu desfaça
meus medos ao teu lado, meu purismo,
minha falta de abrigo, e enfim, descanse ...*

SUBSONETO

Perdoa meus profetismos tão maçantes,
perdoa meus barbarismos destrutivos
- mal sou possível, viável nos teus vivos
olhos de chuva - Vem, não poupa instantes!

Perdoa meus ceticismos limitantes,
perdoa meus morbidismos corrosivos
- porque me perdi em sóis alternativos
como quem busca muito mais que antes ...

E desgoverna meu soneto antigo,
esta lembrança fétida que prende
minha alma ao que não tem a ver comigo.

E desmaterializa qualquer poema
que se repita, feito o que se entende
por realidade, mas que é só teorema.

O GRÃO DA VIDA

A Virgínia e “ventre”...

Em seu ventre, ilusão tão misteriosa.

*- Mulher, a formação do grão da vida,
a presença do sangue doutra vida,
a lembrança, o futuro e a dor gloriosa.*

Em seu ventre, emoções da alma que esposa.

*- Mulher, que se refaz por outra vida,
a mais tensa criação que pode a vida,
a esperança, o rebento, a terra e a rosa ...*

Em seu ventre, o saber, o verso e a prosa

*- Mulher, por conhecer a própria vida,
sua crença, seu medo nesta vida,*

a luz criança, o desejo, a flor vistosa.

Em seu ventre, as mil Luas de quem goza

- Mulher, que doma o tempo e gera a vida!

PELE E MIRAGEM

*Comunhão de desejos tênues - pura
é a mulher cujo corpo exprime alma.
Aura da fêmea, além da pele - cura
para o amado, que assim, encontra a calma.*

*Expressão, fantasia e vida - pura
é a mulher cujo olhar supera um trauma.
A mão me ensina a vida, mulher - cura
a loucura no toque além da palma.*

*Não percas a inocência, mulher - não
falo da alma, nem falo só da imagem ...
O corpo um dia acaba, infelizmente.*

*São mútuos os desejos, mulher - são
os encantos de pele e de miragem
que se plantam em mim, profundamente ...*

VERSO RENASCIDO

*Descobrirás pirâmides em mim,
marcos, versos, caminhos sem sentido.
Os passos da distância não têm fim,
nem memória, nem vida. Reescolhido*

*o rumo, o recomeço terá, sim,
tudo aquilo que busco, tão perdido,
confundindo canções e horas assim
como quem se devora. Revivido*

*o sonho, vã semente do desejo,
eu vou recapturar teu longo beijo
num instante, num quadro. Renascido*

*o verso, feito lava que me enlaça,
pelos tempos serei quem nunca passa,
quem permanece além do que há sofrido ...*

2 - *Almost english*

Experiências usando a forma do soneto inglês, consagrada por Shakespeare. Sonetos compostos ainda na década de 1980, alguns com esquema de rimas próximo ao soneto português clássico.

SOBRE O OFÍCIO

No quarto e nas janelas, envoltórios
de vagos sonhos, vozes e miragens,
divaga o poeta, místico, nas viagens
por vales e colinas, por empórios
em longínquas e mágicas paragens ...
Vai decifrando mapas, num complexo
de advérbios, conjunções, versos sem nexo
- seguindo caravelas e carruagens
de sentimento, paz, luz e reflexo.
Talento e dor, no ofício mais que ingrato
de parir ilusões, refazer o ato
que pára o tempo e, assim, criar, perplexo ...
- Vendar os olhos, ver só pelo tato,
poesia salpicada em cada prato.

NOTURNO

Outro para Augusto dos Anjos

Vês!? Pobre é todo o poeta que te beija,
noite dos sonhos mortos - por tentar
roubar-te essas estrelas - que deseja
tua aura de tédio, dor e mar.

Planto versos tal quadros surrealistas
e tento me escrever, me debulhar,
colhendo grãos de areias imprevistas
em praias imprecisas de encontrar ...

Dos meus sonhos, dá para ver a Lua,
mas não esses sóis que não posso contar,
mas não as paixões que habitam esta rua,
mas não a mim mesmo, espelho de quebrar ...

- Ah! noite dos absurdos absolutos!

Contra ti, já não sei lutar - mas luto ...

COMO DIRIA HAMLET

Tão triste é a loucura, que a beleza
consumia os meus olhos - minha amada
Ofélia, doce Ofélia, luz de fada,
como em meus sonhos - frágil singeleza.

Triste a tua loucura, libertada
num ato de sublime e vã leveza
- Ofélia, doce Ofélia, que em realeza
e poesia, partiu, daqui ao nada ...
Vejo o sol morto e vil da Dinamarca,
pleno de reis mortais, reinos vazios ...
E, talvez, só meus versos - feito um rio -
abriguem a loucura que te marca.

São nuvens que te cobrem, como um véu,
Ofélia, doce Ofélia - flor e féu ...

FANTASMAGÓRIA

“E o coração de Shelley não se consumia ...”

Meus fantasmas libertam-se, só importa
o tempo de sonhar, de imaginar,
de tomar nas mãos toda a luz do luar
- guardá-la sob as trancas doutra porta.
Sinto a imortalidade, simplesmente,
como algo fugaz, íntimo e encantado,
procurada e perdida em todo lado,
que nunca é alcançada, frente a frente.
Meus fantasmas libertam-se, e sobrevivo
ao florescer do medo, do destino,
da ligação com tudo que imagino,
dos umbrais e martírios em que vivo.

Meus fantasmas libertam-se e até sinto
que sou feliz, nas verdades que minto.

EXPRESSÃO

Eu continuo eternamente buscando
a forma, a emoção únicas, perfeitas.
- que resistam a todas as desfeitas
do mundo, do tempo - sempre contando
histórias, como um louco mentiroso
que, apesar de tudo, não é perigoso.
Talvez meu ódio pelas leis humanas
leve-me a procurar uma expressão
mais próxima de Deus, como a paixão
- despertando essas vozes tão insanas
que tocam fundo, que me encantam mais,
que ressuscitam versos abissais.

Por isso, minh'alma vive a Poesia
- expressão linda de sabedoria!

CÍRCULO VICIOSO

Se a vida com um círculo aparenta,
sem começo a lembrar, ou fim previsto,
fecha-se em solidão - cela que inventa
fantasmas do tempo, não mais que isto ...
Por que mais uma estrofe quase morta,
outra estrofe sem cor, falsificada,
outra estrofe deixada sob a porta
como uma carta inútil, renegada?
O decassílabo vazio é grande,
quando até a mente, frágil, não resiste
- o coração se entrega, a dor se expande,
a vida, feito um círculo, é tão triste ...

Se nem mesmo escrever tem objetivo,
bom é usar a borracha, e seguir vivo.

CONTEMPLAÇÃO

Eu talvez nunca venha a entender
tudo o que por meus olhos já passou,
mas a contemplação na qual estou
me faz, constantemente, renascer
- em cada sorriso que encontro aqui,
cada noite de lua que vivi.
É possível achar poesia em tudo
que transmite paixão, felicidade,
ou mesmo na tristeza, na saudade,
no tempo que me envolve, e sempre o iludo
- pois cada simples emoção é um verso,
elo de comunhão com o universo.

Enfim, contemplo a vida como poeta
quando a poesia em mim se faz completa ...

MONSTROS NO ARMÁRIO

No meu armário estão presos segredos ...
Aquele porta sempre assim, trancada,
esconde as minhas falhas, os meus medos,
uma vida proscrita, a dor, o nada.
Intrigante, sem chave ou fechadura,
aquela porta abriga todo o mal
que me faço e desejo, parte escura
que o espírito disfarça, no final.
Meus monstros não me dão outra saída,
por isso viver sempre é tão frustrante.
Arrombar essa porta, expor a vida,
é o que resta - ser livre, só e errante -
pois, afinal que poeta eu seria,
se os monstros dominassem a Poesia?

DA LUZ E DAS TREVAS

Do imenso abismo negro, noite infinda,
ela surgiu, trazendo-me a beleza
dos olhos cor de fogo, chama acesa
no espírito, paixão que aquece ainda ...
Mas quando a realidade se enevoava,
nem mesmo esta tristeza, que envolvia
os meus medos de sempre, fez poesia
das lágrimas vazias que eu chorava ...
Mulher-sonho, nas trevas uma estrela,
talvez a escuridão dos pensamentos,
ou mesmo a confusão dos sentimentos,
entorpeçam o olhar – não posso vê-la!
- Mulher, filha da luz, deusa terrena,
dê brilho à noite desta alma pequena!

SONETO DA REMISSÃO DOS PECADOS

Está bem, eu confesso meus pecados!
O deus da sociedade dará a pena
(que, obviamente, será uma centena
de preces aos espíritos passados).
Não quero morrer nesta dor imensa,
administrando a solidão vazia,
essa coisa indistinta, essa agonia
pelas ruas – não quero recompensa!
Confesso que meus passos inaudíveis
foram sempre assim – loucos como eu ...
Peço a quem não compreende – guarde o seu
julgamento, não deixe que terríveis
pensamentos maculem minha imagem,
pois, como poeta, sou vento e miragem ...

POEMA SEM RECADOS

Alguém precisa desta noite agora ...
Sei que ela, assim, não poderá ser minha,
não tomará o soneto, que caminha
sem destino nas mãos do homem que chora.
Às vezes, tento agir feito arlequim,
mas sou triste, me calo quando vêm
as palavras, e finjo que estou bem ...
O verso nasce amargo, dói em mim.
Porém, alguém precisa desta noite,
e já não posso capturar estrelas,
nem no meu peito desejar contê-las ...
Posso, somente, oferecer o açoite
que gerei destes versos confinados,
- É o que digo, em meu poema sem recados.

SONETO DO PERDÃO

Perdoa-me por ter surgido assim,
como vindo da sombra, inesperado.
Apenas te queria sempre em mim,
- tão bonita – sorrindo ao meu lado.
Este poema, quem sabe, talvez diga
mais do que sinto, mostre o coração
mais puro - já que a mágica não liga
se é ilógico falar de uma paixão.
Perdoa se sou um pouco indiscreto,
pois meu desejo anseia por um mero
sorriso teu para ficar completo
- um olhar de carinho, é só o que quero ...
Perdoa ... Já não posso controlar
essa urgência louca de te amar!

INFINDÁVEL PESADELO

É dessa angústia, dessa solidão
que plantei pela vida, e desse antigo
desencanto pintado de ilusão,
que construí qualquer verso que digo.
Pelas noites afora, pago a cota
injusta do meu tempo – nada forma
sentido definido e ninguém nota
a dor em que este poema se transforma.
Distorcendo o que sinto - uma poesia
sem nexos – tranco-me hermeticamente
em idéias obscuras, cada dia
reinventado morrendo inutilmente.

É como um infindável pesadelo,
que surge quando mais tento esquecê-lo.

MAPA DO TESOURO

Hoje vou tirar férias deste mundo
um tempo merecido de descanso,
buscar meu mundo interior, profundo
- uma sublimação que só lá alcanço.
Desarvoradamente, é lá que canto
e danço minhas dores de viver,
a alegria perdida e todo o espanto
de ser corpo, de ser alma, e crescer ...
Mesmo voltando à já tão velha forma,
às rimas e aos versos do soneto,
- voz que encontro, emoção que me transforma -
guardo surpresas vãs, que me remeto
 como a última carta de uma vida,
 um mapa do tesouro, uma saída ...

RESPOSTA (TARDIA) A MÁRIO DE ANDRADE

Porque ser brasileiro é muito mais!

Lá na mata-virgem, Macunaíma
deflorou os pontos mortos deste mundo.

(e todo brasileiro é, bem no fundo,
“preguiçoso, maldito, que não rima “...”)

Em tanto mal caminho, ainda prima
por caminhar, pé sujo, chão imundo.

(e todo brasileiro é “um profundo
gozador, influenciado pelo clima”).

Passou por mil mulheres, libertino,
e, sempre por dinheiro, fez de tudo.

(e todo brasileiro é, sim, “desnudo,
falso, enganador desde menino”).

Um povo sem caráter?! Ai de mim!...

Pôxa, Mário de Andrade, eu não sou assim!

SE ESTIVER VIVO ...

Já não posso falar dos mesmos fatos,
das derrotas do amor, do sonho morto
que se planta em teus olhos, de retratos
rasgados, nem do eterno desconforto ...

Já não posso fazer meus versos brancos
por comodismo ou pra iludir a vida,
nem devo rebuscar meus desencantos
nestas rimas vazias e esquecidas ...

Já não posso mentir por timidez
nem dizer a verdade por desgosto,
ou sangrar meus temores toda vez
que te encontrar - e ver teu mesmo rosto.

Só posso te gritar se houver motivo,
só posso te querer se estiver vivo.

ATÉ MAIS, AMIGO!

É, amigo, faz tempo ... Tão distantes
dos agoras e do ontem, tão crescidos ...
Colégio, futebol ... Despercebidos
de tudo, nosso tempo passou, antes
que pudéssemos ver suas pegadas.

É, amigo, faz tempo ... Tão maduros
(ou nem tanto) compondo outros futuros
não sonhados, sem ver águas passadas.
As mesmas piadas, velhas fotos ... Nós
perdidos da jovial felicidade,
tentamos guardar ventos de saudade,
talvez alguma vida, mesmo sós ...

É, amigo, notícias boas jamais.

Já vou, o tempo me chama - Até mais!

VIRGEM

Virgem, que em toda noite, enfim, renasce,
se faz virgem a cada ato, primeira
vez, primeira emoção, primeiro enlace,
primeiro beijo - seja a alma inteira.

Virgem, mesmo que já não seja assim,
além das convenções, mulher guerreira.

Se o corpo já viveu gozos, por fim,
a alma é virgem, vez por vez a primeira.

Virgem, mesmo que o filho já reclame
seu leite e seu carinho, a verdadeira
mágica de ser virgem a quem ame
- mesmo que esta já não seja a primeira ...

Virgem não pelo corpo, mulher linda,
virgem ou não, menina-moça ainda.

O MONSTRO DO NORTE

*Quem é essa divindade doutras terras,
que surge assim, calçando seu sapatos
de cetim - traz a força contra os fatos?
Quem é, que se alimenta dessas guerras,
enquanto o povo, qual escória ou ratos,
tenta fugir do monstro imperialista?*

*Quem é a divindade materialista
que avança, domina sem recatos,
sob o manto moral capitalista,
desgraçando, matando e ameaçando;
ameaçando, matando e desgraçando?*

*- Parem o tempo! Faça-se a revista
desta história selvagem industrial.
- Parem o Monstro do Norte, afinal!*

SONETO (QUASE) INGLÊS

Em 1986

É inverno na terra de Elizabeth.
E lá, entre cores de intolerância,
a neve se iguala, assim, à ganância
e à soberba vil de Margareth.
Sob o fog, passam as horas inúteis
- Big Ben, mas que pontualidade estranha!
Com tradição e pompa é que se ganha
o destino de um reino em vestes fúteis ...
Como, então, sobrevive a dinastia,
mesmo com incursões do IRA e dos líbios?
Como, então, mantém-se tal qual anfíbios,
antigos e modernos, sem poesia?
Este soneto é inglês - o que fazer?
Mas meu soneto não é pra inglês ver!

3 - *Canção e névoa*

Seleção de sonetos sem rima, escritos depois de 2006, quando foi lançado o e-book “Alguns sonetos que fiz por aí ...”. São poemas da mais nova safra do autor, até o final de 2010.

OLHOS DE QUEM NASCE

Tenho os olhos ligando ilhas perdidas
a continentes nus, redescobertos,
pois um deles vê só o que não se enxerga
e o outro enxerga só o que não se vê.

O mundo sobrevive desse hiato,
do estrabismo impensável que provoca,
da impossibilidade do completo
nesse paralelismo sem medidas.

A cada dia vejo um horizonte
diferente, vertigem que me abraça
e conduz ao espelho do que sei.

O mundo é vasto enigma, construção
de uma incompreensível alquimia
- Para ele, tenho os olhos de quem nasce.

GÊNESE

*A folha de papel pariu uma linha,
um nascimento cru, sem choro ou canto,
sem batismo, sem sonhos, sem um pai
nervoso, charutando os seus pulmões ...*

*A linha me encarou meio com medo,
insegurança aberta às descobertas,
e quis engatinhar no vazio branco,
o vastíssimo branco do papel ...*

*... deixei ... e ela, menina brincalhona,
soltou-se, com mil olhos e desenhos,
com as mãos espalmadas em mil cores.*

*Ela inundou seu mundo de alma e luz ...
E, decomposto o branco num arco-íris,
a linha fez, num canto, um poema em êxtase.*

OS OLHOS DO GATO

Feito um gato, olhos atentos de cor
indefinida, essa expressão mutante
que ninguém sabe, enfim, sem mergulhar
- labirintos do espírito em enigmas.

Tens os olhos do gato, que dominam
a noite feito lâminas, ariscos
luzeiros do desejo que vão longe
- sempre além do que o tempo deixa ver...

Teus olhos me convidam a distâncias
tão ilógicas que, sei, sem esta mágica
iria me perder milhões de vezes.

É que o mistério, brisa indecifrável
que circunda os sentidos, mostra várias
faces - e só compreende quem se entrega...

AO TEU SOL EM PEIXES

*Não sei se já compreendo a natureza
do teu signo – essa tal coisa mutável
revelando roteiros a explorar
e mais nenhuma certeza, além do amor ...*

*Porque os Peixes são dois, sei do teu múltiplo,
daquela voz que fala sem pensar
o que teu pensamento não queria
- rumos opostos, mas complementares.*

*Porque és tão diferente do que sou,
ter a vida a teu lado é a aventura
suprema, que conquisto dia-a-dia.*

*- São mergulhos em mares e corredeiras,
águas que não estancam, seguem sempre ...
São viagens infinitas por viver!*

A QUEM NÃO AMA

Teu peito é como um rio *seco*, sem vida,
- o coração, na dor, fossilizado;
sonhos *desfeitos*, frágeis ilusões
desmentidas naquilo que viveste.

Olhos fechados, vidro *estilhaçado*
Quando a manhã começa, tua força
é só lembrança – *jogo de palavras*
que encobre a covardia e o desencanto.

Tanta tristeza, velhos *pesadelos*
que te rondam as noites, ameaçando
a pouca sanidade que te resta ...

Da magia quebrada, mesmo os *cacos*
já não encontras, tudo é *solidão*
- E o tempo, em *desalinho*, está perdido ...

SEREIA

*Sereia do convexo, luz difusa
que atravessa o mar, rompe a terra, segue
o caminho do tudo, plenitude
absoluta da vida sublimada,*

*Por que temer o tempo, se os relógios
não captam tua dupla natureza
- corpo que és, passarás um dia, frágil;
alma, não tens fronteiras nem amarras?*

*Por que a luta da fé contra a razão,
se tudo é parte desse mesmo quadro,
óleo sobre tela, traços do universo?*

*Por que o mergulho em fuga, se amanhece?
Por que a melancolia da canção
se a despedida é sempre um “Até breve!”?*

MIL COSTUMES

Mil verões em teus beijos - teus cabelos
numa pintura presa em meu olhar.
Nem quando pairam nuvens carregadas
no céu chuvoso, o poema se desfaz ...

Mil canções em teus lábios, mil infernos
- uma nota perdida, melodia
que resiste às marés, mesmo às luas,
mesmo aos ventos que seguem, infinitos.

Mil visões em teus olhos de menina,
que a minha arte proscrita quer conter,
mas que se perdem - frágeis borboletas ...

Mil paixões nesses dias, teu perfume
que me envolve de rosas como a um sátiro ...
- Mal costume de estar sempre a teu lado.

DO MISTÉRIO

*Serenadas as luas indistintas,
verde noturno e brisas circulares,
da plácida amurada vejo o mundo
e só então, pasmo, sei que o compreendo.*

*Assimilo seus tempos de incerteza,
a irregularidade dos plantios
e colheitas, correntes que conduzem
oceanos e neblinas pela vida.*

*Talvez esteja, enfim, se desvendando
o mistério que assombra os viajantes,
as vozes, as marés, os calendários.*

*Ou, talvez, seja apenas o que quero,
a vida sem conflitos que eu sonhava
- e essa ilusão me tome por inteiro.*

CICATRIZ

Dor, prestidigitada cicatriz
que nunca vem à tona, panacéia
de tudo revirando os intestinos
quando o grito constrói relógios mortos;

cicatriz dos venenos que rumino,
rasgo do real ao sonho, que se tece
feito signo, sintaxe feito éter,
materialidade inverossímil;

força que me remove das raízes,
fruto que contradiz a ação do tempo,
dor que não se atenua, pois essência,

a cicatriz estampa a sombra em mim
- Fosse eu mais do que aquele em que me finjo,
domaria as feridas nestes versos ...

CANÇÃO E NÉVOA

*Quando viajo os lugares que pintamos,
que construímos de canção e névoa,
eu sinto a tua mão na minha, mágica
presença de gaivotas renascidas.*

*Ouçó o conto de fadas feito um hino,
sonhos mais, que transbordam de navios,
páginas não escritas que me abraçam,
convidando ao futuro – sem temores.*

*Sempre viajo na tua companhia,
mesmo se não está aqui, comigo.
- aprendi a alquimia de quem ama.*

*Se o tempo passa a cada eternidade,
sinto que nada vai nos afastar,
porque os dois corações voam em bando.*

O QUE VAI MAIS ALÉM ...

Por entre tantas sombras, vejo a alma
indo além da geleira das idéias,
muito além dos ventos e distâncias,
longe, além das crianças em meus olhos ...

Um horizonte vago refletindo-se
para além das visões entorpecidas,
muito além de cansadas perspectivas,
verso além do meu quadro surrealista ...

Tudo como pedaços incoláveis,
estrelas empoeiradas pelo tempo,
luzes aprisionadas em meu rosto,

que vejo além do sonho não nascido,
vejo além de impossíveis conjecturas,
muito além dos dilemas de um poeta ...

MUNDO VELOZ

Veloz, mundo veloz que me completa,
sabe que eu tenho contas a pagar
- Não vê que eu preciso de mais tempo,
pra nas curvas da estrada me encontrar.

Veloz, mundo veloz que me atormenta,
sei que minha hora um dia vai chegar
- ando em cacos, recolho os meus pedaços,
faróis pela neblina a iluminar ...

Tudo é pressa, o que resta são desejos,
desencontros, destinos de cristal
- frágeis copos, lembranças sem registro.

Deixo os sonhos, descubro travessias
e nos versos misturo o bem e o mal,
porque o mundo é veloz, mais do que a vida ...

4 - *Concerto para o apocalipse*

Série de cinco sonetos rimados escrita em abril de 1985, contando uma visão de fim do mundo, tema recorrente em minha poesia. Considero estes poemas o início de minha trajetória.

I - FOGO CRUZADO

Estou na guerra, sob fogo cruzado,
fugindo de balas, matando gente.
Sou humano, não sou um robô controlado,
sou uma pessoa que disse se ressentido.

Eu não posso fazer o que acho errado,
não sou uma máquina, sou um ser vivente.
E quero ter vida sempre ao meu lado.
Somos elos de uma mesma corrente.

Vamos findar a guerra, quero paz!
é duro sentir a morte por perto.
Honra ao morrer? Que diferença faz?

A verdadeira honra vive no amor,
vive em tudo que é limpo, justo e certo.
Guerra não é justiça! É tortura e dor.

II - SÚPLICA

*Ó grande Deus da terra e do altar!
Abre teus olhos para a realidade!
Nossos líderes estão a vacilar
e nós sofremos na promiscuidade.*

*Gritamos alto para voz ecoar,
porém quem nos ouve não tem piedade.
Nossos líderes precisam lutar
por nós, por nossa ansiada liberdade ...*

*Nós não podemos carregar a cruz.
Precisaremos muito dessa luz
para fugirmos de um triste final.*

*O fim desse homem autopredador,
que se acha, sem modéstia, superior.
Fim do maior animal irracional.*

III - SINFONIA

Ecoa a música pela noite eterna ...
É um coral de semimortos sem mando,
buscando um maestro, na terra que hiberna,
buscando a partitura, procurando ...

Um gemido é música nada terna,
com choros e preces acompanhando.
Não há como clamar por ajuda externa,
porque véus nos cobrem, nos isolando.

Negros véus, das negras noites sem fim ...
Poeira, gás, nuvens cobrem a terra.
A morte ronda o mundo. A vida é assim ...

Quem apertou o botão não importa mais,
pois nem ele se salvou. O dia se encerra!
É um fim que homem não esquecerá jamais.

IV - A ÚLTIMA FLOR NO DESERTO

Há uma flor perdida neste deserto,
neste deserto de cimento armado.
A única flor inda viva, de certo,
o último verde, neste chão, brotado.

Ela procura ... não há vida por perto,
só destroços e corpos ao seu lado.
Ela não pode gritar em céu aberto,
pois ninguém responderá seu chamado ...

A solitária flor, que nada teve
a ver com as nossas atrocidades,
sofre num mundo que não se deteve

Na busca de uma utópica ilusão.
Mundo que almejou irreal realidade,
e se esqueceu de olhar o coração.

V - SOMBRAS

Há uma infindável noite sobre a terra ...
Em todo lugar, marcas do holocausto.
O povo está visivelmente exausto
- sombras que são resultado da guerra.

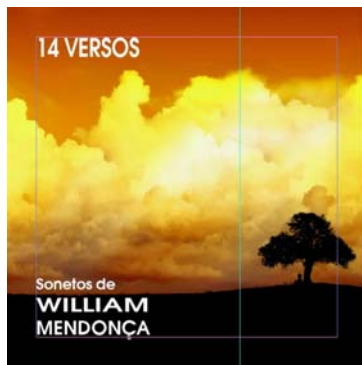
O punho de Deus sobre o céu se cerra,
tirando do planeta todo o fausto,
castigando o homem, esse ser incauto,
que se destruiu, e agora se enterra.

Além de sombras, nada mais restou,
além de sombras ... só a desolação,
além de sombras ... só o amor se salvou.

O amor, força capaz de construir
um novo mundo, se algum coração
batendo alto e forte ainda existir.

- Car le tombeau toujours comprendra le poète -
Baudelaire

1ª EDIÇÃO - 21/01/2012



SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas

também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 22 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - é diretor do jornal O VERBO, que circula em Tanguá e Itaboraí. Mantém em atividade desde 2006 o site www.williammendonca.com.

14 VERSOS

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita desde que o conteúdo não seja alterado e que seja citada a autoria e a fonte.

Publicado no site do autor em 21/01/2012
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br